

A *villa* das Almoínhas (Loures, Portugal) Apresentação dos trabalhos desenvolvidos entre 1995 e 1996

Ana Cristina Oliveira*

Resumo

Apresentamos neste trabalho o resultado de escavações de iniciativa municipal realizadas na *villa* das Almoínhas (Loures) entre 1995 e 1996, as quais puseram a descoberto a localização da necrópole, de um conjunto de muros e de duas estruturas em fossa.

Os resultados obtidos ajudam a compor o contexto arqueológico de proveniência de um conjunto de peças acidentalmente encontradas há algumas décadas, nas imediações, e que é composto por um capitel, uma base de coluna, tijolos diversos e um tesouro de moedas no interior de uma ânfora.

As intervenções arqueológicas nesta *villa* têm-se repetido anualmente, ficando a divulgação dos resultados dos anos de 1997 a 2001 para publicação posterior.

Palavras-chave: *Municipium*. *Olisipo*. *Villa*. Necrópole. Romanização.

Abstract

This work presents the results of digging in Villa das Almoínhas (Loures). A municipal initiative, between 1995 and 1996, the excavations exposed the remains of a necropolis, a group of walls and two structures in cesspit.

The structures helps to contextualize the archaeological nature of a group of artefacts, found accidentally, some decades ago, in the surroundings of the newly excavated site: a capitel, a column base, several bricks and a treasure of

* Arqueóloga da Câmara Municipal de Loures.

coins, inside na amphor. The archaeological intervention in this villa has been repeated yearly.

The results from the 1997 to the 2001 season will be published at a later date.

Key-words: Municipium. Olisipo. Villa. Necropolis. Romanization.

Apresentamos neste trabalho o resultado do escavação da necrópole municipal localizada na vila das Almoimbas (Loures) entre 1997 e 1998, os quais foram realizados no âmbito do projecto de investigação de um conjunto de muros e de duas estruturas em terra.

Os resultados obtidos mostram a complexa e contextualização da povoação de um conjunto de peças arqueológicas encontradas em algumas decadas das suas fundações, e que é composta por um núcleo, uma base de columnas e um sistema de muros no interior de um núcleo.

As intervenções arqueológicas nestas vilas têm-se repetido anualmente, ficando a divulgação dos resultados das anos de 1997 a 2001 para publicação posterior.

Palavras-chave: Municipium, Olisipo, Villa, Necrópole, Romanização.

Abstract

This work presents the results of digging in Villa das Almoimbas (Loures) a municipal necropolis between 1997 and 1998, the excavation exposed the remains of a necropolis, a group of walls and two structures in earth.

The excavations help to contextualize the archaeological nature of a group of murals, found necessarily some decades ago, in the surroundings of the walls, around the a central base, several pillars and a structure of

1. Antecedentes do sítio arqueológico¹

As primeiras prospeções e recolhas de materiais de superfície datam de 1990 e foram da responsabilidade de técnicos da Área de Arqueologia da Câmara Municipal de Loures.

Então designado como Estação Romana de Loures, o sítio foi detectado na sequência dos múltiplos vestígios, na maioria cerâmicos, acumulados superficialmente. De entre eles destacam-se fragmentos de material de construção (tijolos, telhas e ímbrices), fragmentos vários de cerâmica comum bem como de cerâmica *Terra Sigillata*, fragmentos de ânfora e de pesos de tear.



A potencial importância do sítio foi, entretanto, complementada com informações dos proprietários da Quinta da Areeira (Almoínhas). Soubemos por seu intermédio que nesse local, no decorrer de movimentação de terras para obras de construção de moradias, em meados do século XX, surgiram vestígios de

¹ Os desenhos incluídos neste trabalho são da autoria de Luís Carlos Reis, Manuela de Deus e de Ana Raquel Silva.

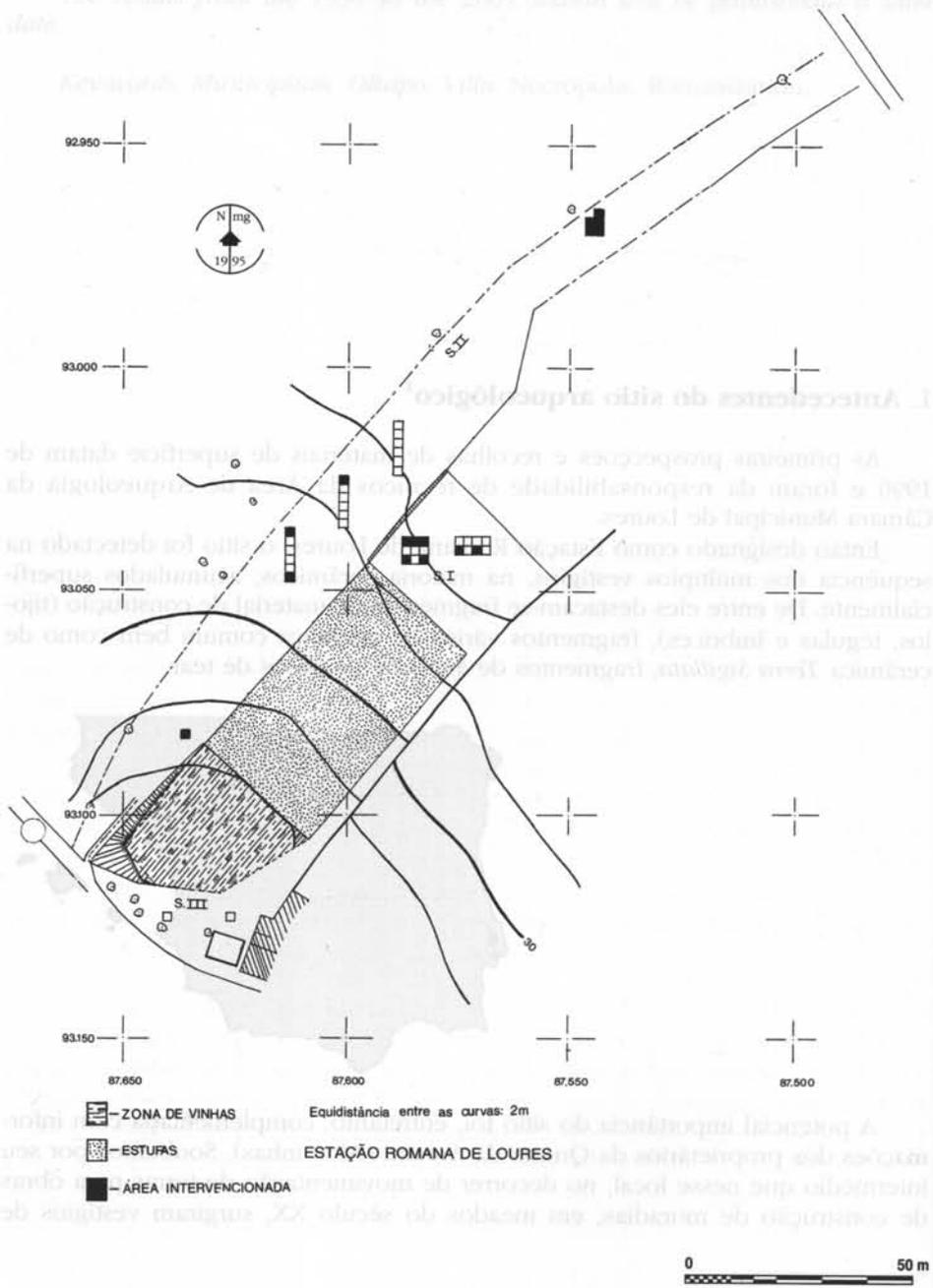


Fig. 1 – Distribuição dos Sectores I, II e III.

estruturas e foram recolhidos materiais diversos (Fig. 7). Assim, conservavam na sua posse algumas peças que observámos: uma base e um capitel de coluna, um tijolo em segmento de círculo e outro paralelepípedo, um fundo de ânfora e um tesouro de moedas de bronze encontradas no seu interior (na altura do achado a ânfora estaria, ao que parece, completa). Este conjunto de materiais foi entretanto depositado definitivamente no Museu Municipal de Loures².

Em 1994/95, no âmbito do Plano Director das Acessibilidades Municipais (PDAM) e no conjunto das vias de ligação à rede rodoviária regional, a projectada "Via T2", de traçado coincidente com os terrenos da jazida arqueológica, passou a constituir uma ameaça a breve prazo para a mesma.

O potencial interesse arqueológico do sítio e a ameaça de destruição do mesmo, justificaram um pedido de autorização para uma intervenção arqueológica de emergência no local com o objectivo de verificar o contexto de proveniência dos materiais encontrados à superfície, bem como a verdadeira importância deste sítio arqueológico ao qual estaria presumivelmente associado, o importante conjunto de objectos de achado accidental superiormente mencionado.

2. Localização e ambiente

A villa das Almoínhas está situada no distrito de Lisboa, concelho e freguesia de Loures. Localiza-se na folha 417 da *Carta Militar de Portugal*, escala 1 / 25 000, no ponto de coordenadas Lat. 38° 49' 25",9 N Long. 9° 09' 57",9 W Gr..

Os terrenos onde se situa esta jazida arqueológica desenvolvem-se entre a povoação da Mealhada e a cidade de Loures, contíguas, no sentido O – E (Fig. 6).

A estação fica situada na vertente voltada a nascente da serra de Montemor (357 m), expandindo-se suavemente pela encosta até ao sopé daquela, ocupando cotas variáveis entre o nível do mar e os 35 metros. Na base os terrenos são já os da várzea de Loures, a qual se desenvolve pelo nordeste e sudeste. Apesar de se localizar a cotas baixas, a villa está numa posição sobranceira à várzea o que permite abarcá-la numa grande extensão. Em redor destacam-se os relevos de Unhos (138 m), e da serra de Santa Iria (143 m), pelo nascente, do Zambujal (229 m), Mosqueiro (301 m) e de Fanhões (339 m), pelo norte, Sardinhas (331 m) e Bica (300 m), a poente e da Agonia (126 m), Monte (124 m) e serra da Ameixoeira (159 m), a sul.

Os terrenos onde está implantada esta jazida arqueológica são irrigados pelas linhas de água subsidiárias da bacia hidrográfica do rio Tejo. Trata-se de uma zona muito bem irrigada implantada na área definida como várzea ou bacia de Loures. O rio de Loures, um dos principais cursos de água do concelho, corre pelo norte da Estação e desagua directamente no rio Trancão, afluente da margem direita do Tejo.

Segundo S. Daveau (1994, p. 26-28), as partes mais baixas de Loures apresentaram-se, outrora, cobertas por enorme braço de águas salgadas que haviam

² Depósito efectuado em 2000 pelo Sr. Aurélio da Silva e esposa. Ao casal agradecemos as amáveis informações que nos prestaram e a autorização para escavarmos nas suas terras.

penetrado gradualmente ao longo do vale do rio Tejo. Existem testemunhos de que no séc. XVI a ribeira de Loures ainda se apresentava como um esteiro largo e desimpedido no prolongamento natural do rio Trancão, importante via de navegação na época. Comprovam a circulação fluvial os vários cais de embarque referenciados – Sacavém, Apelação, Unhos, Frielas, Póvoa de Santo Adrião, Mealhada, Loures, Santo Antão do Tojal e Casal da Abelheira. A sua inavegabilidade é hoje, contudo, um facto que decorre de múltiplos factores como sejam o Terramoto de 1755, o lento assoreamento dos rios e as obras de canalização das águas da lezíria terminadas em 1939.

Factor igualmente interessante, e a assinalar, foi a existência e exploração de salinas na várzea de Loures. Das diversas salinas, hoje completamente desaparecidas, realçamos as que estariam localizadas na Mealhada pela proximidade, interessante, deste sítio à *villa* das Almoínhas.

Em termos geológicos³ a *villa* está implantada em terrenos constituídos por formações de conglomerados, arenitos e argilas da Calçada de Carriche, “Calcários de Alfovelos”, conglomerados, arcoses, argilas e calcários da Estação de Benfica. Estes afloramentos oligocénicos formam uma larga faixa com orientação SW – NE. A partir de Loures circundam a bacia aluvial de Loures, situada na margem direita do Tejo, a qual apresenta uma das maiores extensões de formações sedimentares de tipo aluvião no conjunto dos vales afluentes do Tejo. A sul, confrontam com os terrenos do “Complexo basáltico de Lisboa” constituído por uma sucessão de derrames lávicos, separados uns dos outros por níveis de materiais piroclásticos e por algumas camadas sedimentares (Zbyszewski, 1964).

Ao nível da tectónica, o elemento estrutural mais importante desta região é o sinclinal do Tejo, de orientação geral NE – SW. Entre as unidades secundárias, destaca-se a sinclinal de Loures e de A-dos-Cães, com orientação sensivelmente W – E.

Do ponto de vista sísmico, a região apresenta uma zona de alta sismicidade, localizada no vale do Tejo.

As unidades pedológicas assinaladas para esta área são os vertissolos crómicos e os cambissolos cálcicos.

Os solos apresentam índices de pH entre 7,4 e 8,5 + (5,6 a 6,5), o que permite classificá-los como moderadamente alcalinos. Estes estão associados a calcários que constituem o seu material originário ou representam solos com horizonte “sálico”.

Os solos da região são de utilização agrícola destacando-se, pela ordem de grandeza das respectivas manchas cartografadas, as culturas arvenses (culturas de regadio, culturas de sequeiro, prados e pastagens), culturas arbóreas (incluindo pomares de citrinos, pomares diversos e outras fruteiras, entre elas a figueira e, principalmente, a oliveira) e, por fim, os incultos. Entre a vegetação própria desta região destaque, ainda, para a vinha, como nos é comprovado até pela *Carta Topográfica de Portugal*, esc. 1:10 000, de 1951, que para a zona em análise apresenta o topónimo *Vinhas das Almoínhas*.

A presumível área de expansão da *villa* sofre actualmente tipos diversos de ocupação. Uma parte encontra-se tomada pela Quinta da Areira (Almoínhas)

³ Cf. Referências cartográficas indicadas na bibliografia.

onde persistem pequenas manchas de vinha. O restante espaço livre, não urbanizado, foi, nos últimos anos, parcialmente utilizado em termos agrícolas para a cultura de feno, envolvendo meios mecânicos para a lavra e a ceifa, e parcialmente mantido na categoria de inulto.

3. Enquadramento histórico local⁴

Estendendo-se a norte até ao paralelo de Torres Vedras; limitado pela linha do Tejo até Alenquer e, a sul, abrangendo parte da península de Setúbal (Alarcão, 1994, p. 61), o *municipium olisiponense* abrangia francamente, no seu território, o actual concelho de Loures.

Na área do território da cidade de *Olisipo*, e com ela relacionadas numa relação de inter-dependência, fixaram-se populações organizadas em aglomerações urbanas secundárias – os *vici* – ou dispersas por unidades de exploração – os casais e as *villae*.

A região actualmente coincidente com o concelho de Loures, beneficiou da vizinhança do rio Tejo no seu lado oriental e de uma ampla bacia fluvial do rio Trancão, seu afluente, que estendia os seus braços navegáveis na direcção poente. A par desta via natural de penetração, esta zona beneficiou da passagem de importantes vias terrestres romanas. Seguindo V. Mantas (1998, p. 17-28), verificamos que a via mais importante *Olisipo-Bracara Augusta*, passava por Sacavém, havendo registo de referências antigas a uma extensa ponte de pedra sobre o rio Trancão; enquanto que a via *Olisipo-Scallabis* apresentava duas variantes, uma por Sacavém e outra por Santo Antão do Tojal passando, neste trajecto, na periferia da *villa* das Almoínhas. Complementarmente a estes troços das vias principais, é de presumir a existência de outras estradas secundárias e de diversos caminhos que certamente fariam a ligação aos pontos povoados. Construídas de forma menos duradoura porque eram secundárias, ou mesmo muito secundárias, não é fácil que se conservem vestígios da sua existência e a sua detecção é muito rara.

Dos múltiplos vestígios inventariados relativos aos tempos romanos alguns são demasiado pontuais ou fragmentados para que através das suas características possamos inferir uma cronologia precisa ou um contexto de proveniência. A somar a esta insuficiência, alguns destes achados, pelas suas características lançam dúvidas sobre o seu enquadramento cronológico e justificariam novas prospecções, ou mesmo sondagens, no local das recolhas.

Outra categoria de achados, ocasionais e também descontextualizados, inclui materiais de tipos muito diversos mas todos permitindo a atribuição de uma origem seguramente romana. Incluem-se, neste conjunto, desde monumentos epigrafados (Fernandes, 1998, p. 75-92) e anepígrafos (Pereira, 1917, p. 97-105) a tesouros monetários (Azevedo, 1897, p. 249-252; Hipólito, 1960-61, p. 82; Ruivo, 1998, p. 65-73), passando pelo achado pontual de moedas isoladas (Dias, 1985, p. 247-250; Vasconcelos, 1902, p. 55) e de uma estatueta **itifa-**

⁴ A redacção deste capítulo segue de perto o nosso texto editado em 1998, p. 29-41.

lica pretensamente relacionada com o culto de Baco (Pereira, 1903, p. 300-305), até a um elemento arquitectónico, designadamente um capitel coríntio. No que respeita aos achados de epigrafia e de numismática, o espólio permite a inferência de preciosa informação intrínseca útil para o estudo de aspectos sociais, políticos, administrativos, económicos e religiosos no âmbito da região onde são encontrados. A existência de um edifício grandioso, eventualmente um templo, é indiciada pela presença do capitel. Trata-se, efectivamente, do achado de autênticos documentos históricos cuja importância científica e documental, no entanto, sairia enriquecida se encontrados no seu contexto de origem, com o devido registo⁵.

O achado de estruturas romanas, em associação ou não com espólio diverso, indiciando locais de permanência e vivência como casais agrícolas ou, até, *villae* estão igualmente noticiados (Ferreira, 1973/74, p. 144; Pereira, 1917, p. 97-105; Saa, 1959, p. 17). Hoje, esses vestígios então identificados pelos autores desapareceram na quase totalidade. O único elemento compatível com os dados fornecidos pelos autores supra mencionados corresponde a uns troços de grossas paredes em argamassa, com nichos interiores, assentes num basamento de cantaria, que se conservam à entrada da Quinta da Romeira de Baixo (Bucelas), local onde Mário Saa dizia existir um templete e umas sepulturas romanas. Até ao momento, destas últimas nada encontrámos, à superfície, que indiciasse a sua presença. Se a ruína que persiste for efectivamente romana – dúvida que uma eventual sondagem em profundidade no local poderia dissipar –, então talvez se possa confirmar a localização de uma possível *villa* onde, actualmente, as grandes extensões de vinha marcam a paisagem da região demarcada do vinho de Bucelas.

Outro é o caso do Malhapão. Aqui Veiga Ferreira afirmou ter identificado uma “villa rústica romana”, a partir do achado superficial de telhas e tijolos “espalhados por uma grande área”, nas proximidades de “um tanque com *opus signinum* e cantos arredondados e alicerces de paredes grossas”. Não conseguimos, até ao momento, verificar a existência de qualquer uma destas evidências que parecem remeter para a localização de uma unidade de exploração e de transformação, talvez um casal ou mesmo uma *villa*. Sublinhamos a importância que esta referência assume se nos lembrarmos que o traçado da estrada para *Conimbriga*, por *Collipo*, passava por Malhapão onde coincide com o caminho actual (Mantas, 1998, p. 22)

Alves Pereira (1917), por seu lado, noticiou na envolvente de um cabeço designado como “Figo Passado”, e nas suas proximidades numa zona chamada “Casas Velhas”, respectivamente, “fragmentos cerâmicos de origem romana; telhas planas de rebordos e semicilíndricas, tijolos e olaria doméstica” e, entre as ruínas de uma construção rectangular e, no meio de outros materiais, “um

⁵ Listagem dos achados na área do Concelho de Loures: 2 Cipos epigrafados (Bucelas); Estatueta itifálica (Bucelas); Moeda de Trajano (Bucelas); Inscrição do Barro (Loures); Tesouro das Sete Casas (Loures); Tesouro da Quinta da Bandeira (S. Julião do Tojal); Sestércio de Gordiano III (S. Julião do Tojal); miliário de Frielas (Frielas); Inscrição de Unhos (Unhos); Capitel coríntio (Sacavém) inscrição de Sacavém (Sacavém). Da área do recente Concelho de Odivelas são conhecidos uma moeda em bronze do Casal da Torre (Caneças) e um capeamento de ara da Ponte da Póvoa (Póvoa de Santo Adrião). De acordo com J. Ruivo (1998, p. 71), a moeda corresponde a um *Follis*, Constantino II (César), Constantinopla, 336-337.

pedaço de pavimento romano de formigão (*opus signinum*) e um fragmento do colo de uma ânfora”. Não será fácil, hoje, encontrar qualquer sinal da dispersão destes materiais porque os sítios mencionados foram “varridos” pelas densas urbanizações e zona industrial que aproximaram a Póvoa de Santo Adrião de Odivelas. O tipo e a quantidade de materiais a que o autor alude apontam, mais uma vez, para um assentamento do tipo casal agrícola ou do tipo *villa*, que parece não estar ao nosso alcance confirmar.

Uma informação oral que um munícipe nos facultou em 1995⁶ dava conta da existência de tanques e de materiais romanos diversos – alguns intactos e, entre eles, uma lucerna, conforme mencionou – encontrados na zona onde foram abertas as fundações para a construção da Junta de Freguesia de Santo António dos Cavaleiros e dos prédios circundantes. Estes achados, recentes, já que serão dos finais da década de 70 ou princípios da década seguinte, testemunhados por quem nos deu a informação, não constam de qualquer notícia publicada. Não será fácil verificar no local qualquer vestígio de uma ocupação romana. Todo o espaço se encontra amplamente transformado pela implantação poderosa das torres e ruas da urbanização da Cidade Nova. Seria importante podermos ver e podermos descrever o tipo de materiais dali retirados que, segundo a mesma testemunha, ficaram na posse de algumas pessoas. Talvez assim, e com mais algumas informações, pudéssemos perceber que tipo de ocupação ali teria ocorrido na época romana.

A fertilidade dos solos da região de Loures justificaria uma ocupação romana de algum peso. Seria importante no âmbito de um projecto de investigação do povoamento rural romano nesta região, implementar um programa de prospecção intensiva como nos recomenda Alarcão (1994, p. 61). O crescimento urbano e a expansão para novos espaços, a que a década de 60 começou a assistir e os anos 70 viram acelerar, foi responsável por destruições irreversíveis, incógnitas e ignoradas. As acessibilidades e a construção de equipamentos vários são, presentemente, os factores passíveis de causar maiores destruições no património arqueológico.

São já suficientes os dados que nos permitem saber que Loures foi, outrora, lugar de fixação de gentes romanas (e/ou romanizadas) as quais por aqui se mantiveram desenvolvendo práticas e costumes, durante um tempo longo, seguramente de séculos, que por fim terminou deixando indícios que os últimos tempos não terão sido pacíficos.

Este panorama da romanização tem vindo a evoluir e a compor-se com o somatório de dados de prospecção e, sobretudo, dos provenientes de escavações em *villae* romanas.

Em Frielas, na periferia da várzea de Loures e junto à ribeira da Póvoa, localiza-se uma *villa* romana da qual se encontra identificada a sua *pars urbana*, em curso de escavação desde 1997⁷. Esta *villa* possui um peristilo de

⁶ Agradecemos esta informação ao Sr. António Leal. Tentámos, sem sucesso, confirmar o tipo de estruturas referidas junto de uma professora de História que, em princípio, também as teria visto.

⁷ As escavações são da responsabilidade da Dr.ª Ana Raquel Silva, arqueóloga da Câmara Municipal de Loures. Remetemos para a consulta da bibliografia já publicada sobre este sítio, que consta do mais recente artigo divulgado (Silva, 2000, p. 479-493).

planta quadrangular e um conjunto de pavimentos em mosaico – únicos, para já, na área do município de Loures – aos quais é atribuída uma cronologia de meados do séc. III d.C.. Entre o diverso espólio recolhido encontram-se cerâmicas *Terra Sigillata*, às quais se atribui uma cronologia a partir do séc. III d. C., e moedas em bronze que apontam, na sua maioria, para produções do séc. IV. Num período posterior à ocupação romana, foi dado ao espaço habitacional uma outra função conforme o atestam uma série de bolsas – contendo materiais de tradição árabe e da época medieval – abertas em toda a área escavada e especialmente sobre os mosaicos. É possível que tenham funcionado como silos numa primeira fase e, posteriormente, como lixeiras domésticas (Silva, 2000, p. 479-493).

Abstraindo-nos dos obstáculos que hoje se erguem na paisagem, é fácil concluir que o contacto visual entre os sítios onde se localizam, respectivamente, a *villa* de Frielas e a *villa* das Almoínhas, ambas localizadas em lados opostos da várzea, era possível. Entre as duas *villae* a observação mútua seria possível caso tenha havido contemporaneidade de ocupação entre elas. A prossecução dos trabalhos iniciados nos dois sítios procurará, certamente, dar resposta a esta questão.

4. Resultados das escavações de 1995 e 1996. Os sectores I, II e III (Fig. 1)

4.1. Estratigrafia e estruturas

Seleccionaram-se as áreas de intervenção de acordo com a localização dos achados de superfície e dos achados acidentais antigos já mencionados. A movimentação das terras motivada pelas práticas agrícolas e por algumas construções provocou a deslocação e a dispersão dos vestígios por uma área grande.

A metodologia adoptada no desenvolvimento dos trabalhos iniciou-se com a implantação sobre o terreno de um sistema de eixos ortogonais, segundo a orientação da rede geodésica nacional, a partir do qual se definiu uma quadrícula extensível a toda a área com malha de 2 x 2 metros.

Dadas as características topográficas do terreno, as sondagens realizadas distribuíram-se por sectores distintos correspondendo cada um deles a uma ou mais parcelas de terreno distintamente separadas das restantes por barreiras, vedações, obstáculos ou acidentes topográficos. Em cada sector os quadrados são identificados por uma letra e um número ($n' \dots 0 \dots n$), distribuindo-se as primeiras ao longo do eixo das abcissas e os segundos ao longo do eixo das ordenadas. No primeiro caso considerou-se o alfabeto completo (36 caracteres), acrescentando em expoente tantas linhas (') quantas as vezes que o alfabeto for continuamente repetido no interior do sector (ex: A, A', A'', ...). A numeração, sendo infinita de 0 a N, exige apenas o recurso a uma linha em expoente no caso de ser necessário inverter o sentido da contagem a partir da linha considerada zero (N' a 0).

A escavação dos quadrados intervencionados evoluiu por camadas naturais. Altera-se esta metodologia para camadas artificiais sempre que as condições de escavação o exijam como, por exemplo, no âmbito da escavação do interior de estruturas.

Todos os pontos cotados foram referenciados relativamente a um ponto de cota absoluta superior a todas as restantes. Por conseguinte, todas as cotas obtidas são negativas e absolutas.

O sítio arqueológico das Almoínhas, localizado no coração da cidade de Loures, ficou confirmado como *villa* romana após a 1.^a campanha de escavações de emergência realizada em 1995 e que se prolongou por 4 meses durante os quais foram abertas sondagens nos sectores I, II e III⁸.

Sector I

Procurámos iniciar os trabalhos o mais perto possível da zona onde tinha ocorrido o significativo achado accidental do conjunto de peças já mencionadas no ponto 1.

Este sector corresponde a um espaço livre anexo aos muros da propriedade da Quinta da Areira (Almoínhas). É limitado a poente por um conjunto de estufas, a sul pelo pátio da vivenda do proprietário, a nascente por um estaleiro da empresa MECI e, a norte, por um silvado que marca o limite relativamente às restantes parcelas que constituem já o sector II. Em função do declive natural no sentido O-E que o terreno apresenta, a construção das estufas obrigou a um nivelamento do terreno, por patamares escadados, e à construção de bancadas em cimento. Por efeito dos revolvimentos na encosta, as terras foram sucessivamente acamadas nos níveis imediatamente inferiores, conforme nos foi esclarecido pelo proprietário. Por último, houve terras que foram depositadas na área do agora denominado Sector I. Este facto condicionou, como verificámos, os resultados de escavação aí obtidos.

Definida e orientada a quadrícula foram escavados até ao chão de base os quadrados A3, C1, C3 e G2. Procedeu-se à escavação por camadas após a decapagem inicial da cobertura vegetal selvagem que cobria a superfície do terreno. As cotas iniciais dos pontos onde foram abertas as sondagens eram, respectivamente, 26,41 m, 26,36 m, 26,37 m e 26,35 m.

A camada 1, de características comuns aos três primeiros quadrados, corresponde a uma terra muito dura, de tom castanho acinzentado, com muitos materiais recentes misturados com algum material romano (sobretudo cerâmica de construção) e alguns seixos de quartzito. De espessura variável entre os 17 e os 27 cm, assentava directamente no chão de base, que corresponde a um areão muito rijo e compacto, com pigmentação vermelha e preta e de superfície fissurada.

No quadrado G2 surgiram diferenças. A camada 1, com uma espessura total de 84 cm, apresenta várias sub-camadas naturais distinguindo-se por características particulares de cor e textura. O conteúdo é muito semelhante, ou seja, encontram-se materiais romanos misturados com outros materiais recentes embora a presença dos primeiros seja agora significativa. A camada 1.^a apresenta uma cor castanha-esbranquiçada, é fofa e fina, com algumas raízes pouco profundas, muito material cerâmico romano, doméstico e de construção, mistu-

⁸ Participaram nesta campanha os Assistentes de Arqueólogo Luís Carlos Reis e Paula Caetano e as arqueólogas Manuela de Deus e Ana Raquel Silva. Os meios técnicos e encargos financeiros foram disponibilizados e suportados pela Câmara Municipal de Loures.

rado com desperdícios actuais, alguns quartzitos não talhados, fragmentos de calcário e 2 sílices afeiçãoados. A camada 1.b é uma terra de cor castanha – acinzentada, muito compacta, de aspecto granulado, com pequenas raízes, contendo pequenas pedras de quartzo e basalto e manchas brancas e amareladas de rocha desagregada, onde o material romano continua a aparecer misturado com os materiais recentes. À camada 1.c corresponde uma terra muito dura e compacta mas mais fina, de cor castanha-esbranquiçada, com algumas manchas de rocha desagregada, pedras de pequenas dimensões em quartzo e basalto, com um conteúdo material semelhante ao já descrito. A camada 1.d, de cor castanha-avermelhada, não se apresentou homogénea em termos de compacidade, a textura apresenta-se mais fina embora continue granulosa, contém basaltos de pequenas e médias dimensões, alguns calcários e quartzitos e fragmentos de osso muito fragilizados e praticamente desfeitos, os materiais romanos estão presentes numa grande percentagem mas os materiais recentes ainda se encontram. Detectam-se, pela primeira vez, fragmentos cerâmicos com fracturas antigas que oferecem colagem.

A camada 2, com 22 cm de espessura, corresponde a uma terra argilosa, de cor castanha-acinzentada, muito plástica, com algumas manchas de rocha desagregada, com materiais romanos, alguns deles oferecendo colagens, sem materiais recentes e vestígios pontuais de carvões. Assenta directamente na camada arqueologicamente estéril do chão de base de superfície muito irregular e com as características já descritas. Algum material arqueológico assenta directamente na sua superfície.

A ausência de estruturas e o revolvimento a que, num passado recente, toda a área esteve sujeita, perceptível no tipo de camadas encontradas, levou-nos a abandonar este Sector uma vez concluída a escavação do quadrado I2. Este quadrado fora aberto no ponto de cota 26,27 m mas a sua escavação foi interrompida a cerca de 30 cm da superfície. Da sua escavação parcial resultou a recolha de algum espólio.

Sector II⁹

Este sector, orientado no sentido SE-NO seguindo o declive do terreno, corresponde a toda a área localizada para ocidente e para norte do sector I. A nascente é limitado por um canalial que separa o terreno da estrada principal que atravessa Loures; a poente encosta com os terrenos urbanizados da Mealhada; a norte, o limite corresponde à linha de divisão de propriedades materializada por um soalco e uma vedação.

Procurámos, neste sector, atingir os pontos mais próximos de uma das entradas da Quinta da Areeira (Almoínbas), a cumeada da encosta ao longo da qual se desenvolve este sector, fugindo, porém, ao topo onde eram visíveis afloramentos rochosos. Foram abertas três sondagens nos pontos de cotas 29,96 m, 29,01 m e 27,94 m, respectivamente correspondentes aos quadrados B7', B2' e H5. Resultados idênticos e muito modestos do ponto de vista arqueológico, em todos eles.

⁹ As escavações neste sector, que se prolongaram até final da campanha de 1995, foram interrompidas pelo mau tempo e só foram retomadas no ano seguinte.

Sem necessidade de uma decapagem inicial porquanto o solo só apresentava vestígios já secos do feno cortado, iniciou-se a escavação da camada 1. De espessura variável entre os 25 e os 50 cm, esta camada corresponde a uma terra de revolvimento, humosa, fofa e castanha contendo bastante material cerâmico romano misturado com desperdícios actuais.

A camada 2 correspondeu, nas três situações, a uma terra de cor avermelhada, granulosa, dura e arqueologicamente estéril. Os trabalhos não prosseguiram até ao solo de base. Nos três quadrados foram aprofundadas alturas de 64 cm, 49 cm e 43 cm, respectivamente.

Em virtude dos resultados obtidos, optou-se por alargar a sondagem do terreno a pontos mais distantes da área que inicialmente nos parecia mais provável de oferecer bons resultados arqueológicos e, eventualmente, proporcionar o achado de estruturas.

No ponto de cota mais elevada do terreno – 33,22 m – abriu-se o quadrado L'24', onde se verificou existir uma única camada assente no solo de base, com escassos materiais arqueológicos misturados com outros recentes, tendo sido escavada uma potência de 29 cm de terras. Resultados muito de acordo com o que era esperado.

Avançando na direcção do extremo Este do sector, a meia encosta, numa zona de bastantes vestígios de superfície, mas afastada da zona de achado do tesouro monetário e dos elementos de coluna, abriu-se nova sondagem identificada como o quadrado I'34. Cota inicial correspondente: 17,60 m. A camada 1, com 14 cm de espessura, caracterizava-se por uma cor castanha escura, textura fina e humosa, com pequenas raízes e continha bastante material romano cerâmico em paralelo com materiais recentes. Na base desta camada surgem os topos de um bloco de calcário e de outro em basalto.

A camada 2 de terra castanha escura, granulosa e argilosa, com uma espessura de 30 cm, revelou a existência de estruturas. Contidos nesta camada estão os dois blocos péticos já mencionados e um terceiro em calcário com a seguinte disposição: o basalto ocupa, isolado, um lado e os restantes elementos, lado a lado, formam um alinhamento perpendicular aquele. No lado oposto aos calcários, junto à extremidade do grande bloco basáltico surgiu, apenas, um conjunto de três pequenos basaltos. A disposição dos blocos maiores evidenciava estarmos perante um tipo de estrutura, já muito destruída, que identificámos como Estrutura 1 (Fig. 2).

Na mesma camada, no canto sudeste do quadrado, detectou-se um outro conjunto constituído por material cerâmico de construção e um bloco de basalto em posição horizontal, que colocámos a hipótese de pertencer a mais uma estrutura – Estrutura 2.

No que respeita aos achados, encontram-se vários fragmentos de lamelas em sílex e o material romano aparece em menor quantidade. Nesta camada não surgem materiais recentes. Deixa de aparecer qualquer material ao nível da base das estruturas encontradas.

A escavação do quadrado deu-se por concluída uma vez atingida a camada arqueologicamente estéril que coincide com um solo argiloso, muito plástico e acinzentado que interpretamos como o chão de base. O seu topo junto à estrutura encontra-se a uma cota de 17,27 m.

Em face dos resultados obtidos na escavação desta sondagem, e mesmo para confirmar a hipótese da Estrutura 2, decidimos ampliar, para sul, a área escavada.

Abrimos, pois, o quadrado I^o33 num ponto de cota inicial 17,70 m. A camada 1 é idêntica à descrita para o quadrado anterior.

Na camada 2, de cor e textura igualmente idênticas, confirmou-se o prolongamento da Estrutura 2. Ocupando neste quadrado o canto nordeste, a sua delimitação pôs a descoberto um bloco de basalto ocupando posição idêntica à do bloco basáltico pertencente à Estrutura 1 – um dos lados menores. De contorno ainda incompleto, esta estrutura apresenta-se como uma caixa onde uma das extremidades é destacada, eventualmente por se tratar de uma cabeceira. Os restantes lados são formados por uma justaposição de blocos de menores dimensões em basalto e calcário, à mistura com fragmentos de cerâmica de construção. Não se distingue nitidamente nenhuma argamassa de agregação. Podemos supor que essa argamassa se alterou ficando, para já, a ideia que só a própria terra foi utilizada para consolidar a estrutura. Sobre o topo da estrutura viam-se fragmentos de cerâmica, alguma dela muito desagregada, não tendo sido reconhecido nenhum vestígio de tampa. A base da estrutura, que coincide com a base da camada 2, assenta sobre o solo geológico, estéril e argiloso. Também nesta camada, no extremo sudeste do quadrado, surge mais uma aglomeração de material de construção associada a um bloco de calcário assente directamente sobre uma sobreposição de blocos de basalto de pequenas e grandes dimensões. Supostamente trata-se de mais uma estrutura, Estrutura 3, que se prolonga para o interior do corte.

Concluída a escavação deste quadrado, impunha-se a ampliação para quadrados adjacentes, à área já escavada, a fim de colocar totalmente a descoberto as estruturas 2 e 3 e perceber o respectivo contexto. Iniciámos a abertura dos quadrados J^o33 e J^o34, em pontos com as seguintes cotas iniciais: 17,36 m e 17,41 m.

Nas camadas 1 e 2 observam-se características globais em tudo idênticas às já descritas para os quadrados anteriores. Descreveremos, pois, apenas os aspectos particulares. No quadrado J^o33 completou-se a escavação que colocou totalmente a descoberto um dos lados maiores da Estrutura 2 e possibilitou perceber o seu contorno rectangular. A Estrutura 3 estende-se pelo lado sul deste quadrado. A sua planta ainda é difícil de perceber, facto que decorre, certamente, de os seus elementos se encontrarem aparentemente muito soltos. No lado Este do quadrado detectámos uma concentração incoerente de basaltos, eventualmente pertencente a um derrube, com uma cota superior correspondente à do topo da Estrutura 3. Na área do quadrado, o material associado às estruturas é escasso.

Na camada 2 do quadrado J^o34 completa-se o contorno da Estrutura 2, verificando-se ser, neste sector, que a estrutura se encontra menos bem conservada e mais fragilizada. No canto nordeste deste quadrado, e prolongando-se para o corte Norte, surge a Estrutura 4 constituída por um aparelho de grandes blocos basálticos onde se integra um fundo de *dolium* completo embora fragmentado. A base da estrutura assenta na argila de base a uma cota de 16,68 m.

A abertura, a Norte, do quadrado J^o35 permitiu perceber que a Estrutura 4 corresponde a um alinhamento orientado no sentido Noroeste / Sudeste,

composto por blocos basálticos de dimensões variáveis, blocos de calcário pontuais e fragmentos de cerâmica, sobretudo de material de construção.

A conclusão da escavação deste quadrado ocorreu já durante a campanha de 1996¹⁰.

Escavada toda a área do quadrado até ao chão de base, tornou-se visível no solo uma grande mancha de cor distinta, junto ao canto nordeste do quadrado. A escavação do seu interior revelou uma única camada, de terra muito plástica, de cor castanho escuro, contendo material arqueológico cerâmico diverso e algum metálico, carvões dispersos, pequenas pedras e, na base, alguns fragmentos de osso em muito mau estado. Interpretada como uma estrutura, e designada por Estrutura 5, foi, contudo, impossível definir a totalidade da sua planta uma vez que a mancha se prolongava para o interior dos cortes Norte e Este. Com um perfil cónico, a base da área escavada surgiu a uma cota de 16,41 m.

Os objectivos da campanha de 1996, que se prolongou por 3 meses e meio, incluíam a conclusão dos trabalhos iniciados nas estruturas 2 e 4, descobrir totalmente a Estrutura 3, multiplicar as sondagens no Sector II e abrir as sondagens marcadas no Sector III. Nove novas sondagens foram abertas no decurso desta campanha, perfazendo a área aberta um total de 48 m².

Na conclusão da escavação do interior da Estrutura 2, cuja localização ocupa parcialmente os quadrados I^o33/34 e J^o33/34, optou-se metodologicamente por subdividir o interior em duas secções que se escavaram separadamente por forma a permitir a leitura e registo das camadas de enchimento. Iniciámos a escavação pela secção poente, onde se distinguiram três camadas, numeradas na sequência das camadas que envolvem o exterior da estrutura, totalizando uma profundidade interior de 48 cm. A camada 3 corresponde a uma terra castanha, pouco compacta, contendo sobretudo material de construção – que podemos supor serem os restos da cobertura da estrutura – e alguma cerâmica doméstica. Na camada 4, de cor igualmente castanha, aparecem algumas pedras de pequenas dimensões, cerâmicas e alguns ossos muito fragilizados. No topo da camada 5, uma terra castanha escura, muito plástica, afloram alguns ossos que se espalham por toda a área do sector poente. No seu interior encontram-se, ainda, alguns fragmentos de cerâmica comum, carvões pontuais e dispersos, pequenos pregos em ferro, recolheu-se um dente e diversas missangas (de colar?). No sector nascente, no interior da camada 4, surgem vestígios de ossos dos membros inferiores (2 fémures e 1 tibia ou perónio), a par com contas de colar, cerâmica doméstica e de construção. A tipologia da Estrutura 2 corresponde a uma caixa constituída por blocos basálticos intercalados com alguns em calcário e com materiais cerâmicos de construção. A cabeceira é formada por um bloco em basalto de maiores dimensões que se destaca dos restantes por ser mais alto. O interior é de terra batida, compactada e dura, e assenta no solo de base, de terra cinzenta-amarelada e barrenta, arqueologicamente estéril. Não apresentava tampa. Do espólio recolhido daremos destaque mais adiante.

¹⁰ Na 2.^a campanha participou a mesma equipa da campanha anterior e, ainda, 2 alunos do ensino secundário, 4 alunas do 1.^o Ano da Variante de Arqueologia da F. L. U. L. e 2 cabouqueiros.

De forma aleatória foram espacialmente distribuídas novas sondagens, com o objectivo de enquadrar a área de estruturas previamente escavadas.

O quadrado V33 foi aberto no ponto de cota 20,20 m, cerca de 23 m para Oeste no enfiamento do conjunto das Estruturas 1-5. A estratigrafia lida no corte Este é a seguinte: a camada 1, mantém as características já descritas. A sua espessura variou entre os 8 e os 34 cm. A camada 2 corresponde a uma terra castanha clara, compacta mas fácil de escavar, com bastantes pedras de pequena e média dimensão à mistura com materiais arqueológicos, sobretudo cerâmicas, alguns ossos e fragmentos de sílex. Espessura variável entre 50 e 34 cm. A camada 3 é uma terra clara, compacta e difícil de escavar onde pontuam basaltos e alguns materiais arqueológicos. Apresenta uma espessura entre 70 e 6 cm. A camada 4, descontínua, apresenta uma cor amarelada com algumas zonas de cor esbranquiçada, ocorre algum material cerâmico mas nota-se, sobretudo, a presença de quartzitos. Esta camada, com uma espessura variável entre 30 e 2 cm, assenta directamente sobre o chão de base - que corresponde a um areão grosso amarelo - e sobre a Estrutura 6 - em fossa - que se distingue no chão de base a uma profundidade de 18,95 m. A camada 5 é constituída pelas terras de enchimento da Est.6. Esta corresponde a uma fossa aberta no chão de base, orientada no sentido N / SE. Embora sem registo directo no corte, realçamos o achado, no topo desta camada, de um conjunto cerâmico deposicional constituído por 3 recipientes em perfeitas condições de conservação. A escavação do interior da Est. 6 revelou apenas uma camada de enchimento, deixando à vista uma estrutura em negativo aberta no areão com uma planta sinuosa e irregular. Pelas características do negativo parece-nos estar perante um leito de uma linha de água.

À cota de 25,06 m materializou-se o quadrado G21. A escavação deste quadrado não revelou a presença de estruturas. A camada 2 assenta directamente sobre o solo de base, a uma profundidade variável entre os 24 e os 31 cm. Esta camada corresponde a uma terra barrenta com algumas manchas brancas de tipo saibroso. O espólio recolhido é reduzido, limitando-se a fragmentos de cerâmica comum e de material de construção.

Resultados idênticos se obtiveram com a abertura do quadrado Q29 localizado à cota de 21,62 m. O solo de base surgiu a uma profundidade de c. 38 cm, após a escavação de 2 camadas que forneceram cerâmicas domésticas e de construção, revolidas com materiais recentes e com pedras soltas.

Os resultados pouco satisfatórios obtidos nos dois sítios anteriores forçaram-nos, uma vez mais, a sondar na direcção da meia encosta. Assim, à cota de 18,92 m, marcámos e abrimos o quadrado A'37. Retirada a camada 1, inicial, com uma espessura variável entre 22 e 32 cm, ficou a descoberto o topo da camada 2 na qual aflora o topo de um troço de muro, identificado como Estrutura 7. Esta, apresentando derrube junto ao corte oeste, é constituída por grandes blocos basálticos com alguns fragmentos de ímbrices intercalados, sustentados por terra compactada sem evidência de outro tipo de argamassa. Um dos lados - o que se encontra voltado para o interior do quadrado - encontra-se parcialmente revestido, em altura, com fragmentos de ímbrice. Do mesmo lado, junto à linha de base do muro, e a ele adossada, regista-se uma fila de ímbrices (todos eles em estado fragmentário), imbrincados na horizontal, com a face curva voltada para baixo. O muro prolonga-se para o interior do corte Norte não se distinguindo aí, porém, fossa de implantação do mesmo. A observação

do corte Norte revelou a existência de 4 camadas distinguindo-se, no interior da camada 2, duas sub-camadas 2.a e 2.b, ambas muito finas com c. 4 cm cada, a primeira de terra castanha e textura granulosa e, a segunda, de tom mostarda e barrenta. A base do muro e a fileira horizontal de ímbrices encontra-se ao nível da base da camada 3. A altura do muro é de c. 67 cm. No chão de base distinguiram-se duas grandes manchas mais escuras, separadas, uma desenvolvendo-se na direcção do corte Norte e outra na direcção do corte Sul. Da sua escavação resultou o aparecimento de duas fossas de planta irregular. O enchimento de uma delas ficou registado no corte norte e corresponde à camada 4. O fundo das fossas está à cota de 17,90 m. e a sua profundidade real é c. 25 cm. As terras são castanho escuro, granulosa e com alguns materiais arqueológicos (cerâmicas) entre os quais destacamos o aparecimento de um fragmento liso de cerâmica pré-histórica.

Nos pontos de cota 17,82 m e 17,53 m, respectivamente, a abertura dos quadrados I"/J"32 corresponde ao alargamento, em área, da zona de concentração das Estruturas 1-5. Retirada a camada de revolvimento inicial, no topo da camada 2 do J"32, de terra castanha clara, pouco compactada e fácil de escavar, afloram as extremidades rectangulares de duas fileiras paralelas de tijoleiras alinhadas segundo a direcção NW-SE interceptando a Estrutura 3 que lhe assenta sobre um dos topos. Trata-se de uma nova estrutura identificada como Estrutura 8. A escavação do seu interior revelou a existência de duas camadas sobre a base. A camada 3 é uma terra pouco compactada, húmida, de cor castanho escuro. A camada 4 é sobretudo caracterizada pela presença do espólio no seu interior. A camada de base, estéril do ponto de vista arqueológico, apresenta uma coloração amarelada. Esta estrutura, orientada no sentido NW-SE, assenta na base da camada 2 a uma cota de 16,97 m sob a qual se encontra o solo estéril. A sua construção corresponde a uma caixa com os lados maiores formados por tijoleiras colocadas originalmente na vertical (actualmente, contudo, o conjunto apresenta uma inclinação para NE, no sentido do declive do terreno). Do lado SW contam-se 4 tijoleiras, estando a primeira caída no interior da sepultura, e duas das restantes encontram-se bastante fragmentadas; no lado NE existem 3 tijoleiras também fragmentadas e uma delas encontra-se afeiçoada sob a Est.3 construída em momento posterior. Os lados menores, correspondentes às cabeceiras, estavam já destruídos no momento do achado. O topo NW foi aparentemente destruído para implantação da sepultura correspondente à Estrutura 3; o topo oposto presume-se ter sido destruído em consequência da acção de máquinas agrícolas, num momento muito mais recente, já que todo esse sector do quadrado se percebe bastante revolvido. De referir que este topo da estrutura se encontra, presentemente, sob a zona de caminho percorrido diariamente como atalho entre a baixa de Loures e a povoação da Mealhada.

O quadrado I"32, a par de muitos quartzitos de pequenas dimensões, forneceu muito pouco material arqueológico ao nível da camada 2 a qual, à cota de 16,95 m toca no chão de base. O conteúdo arqueológico da mesma camada no quadrado J"32 é igualmente raro.

A abertura destes dois quadrados permitiu colocar totalmente a descoberto a planta da Estrutura 3, cujo contorno tinha sido inicialmente detectado nos quadrados I"/J"33. Trata-se, também neste caso, de uma estrutura em caixa, de contorno tendencialmente rectangular, constituída por uma sobreposição de basaltos de grande e média dimensão, com cerâmica de construção e alguns

calcários. De assinalar a diferença de não existir nesta um bloco de basalto, de maiores dimensões, colocado em posição de destaque num dos lados. Iniciada a escavação do interior, verificámos que o topo, a Oeste, se encontrava parcialmente coberto com um fragmento de laje. Em calcário róseo cristalino, com um contorno e secção trapezoidais, e umas medidas máximas de 42 x 40 x 9 cm, a laje aparentemente deslocada da sua posição inicial, encontrava-se com a face mais larga voltada para baixo e evidenciava fractura recente num dos topos, bem como algumas fracturas antigas. Na sequência das camadas exteriores, na camada 3 recolheu-se algum material de construção, cerâmica comum, carvões, um dente e um fragmento de osso (maxilar?) junto à extremidade Oeste do interior da estrutura. A terra é castanha, húmida e fácil de escavar. A camada 4, de terra castanha, mais seca, de textura muito granulosa e cheia de pedrinhas, contém 1 fragmento de vidro, material cerâmico em muito mau estado com alguns fragmentos queimados, alguns ossos muito desfeitos e, ainda, alguns carvões e sílices. Junto à extremidade Este surgiu uma mancha de ossos desfeitos. Verificou-se nesta camada a presença de uma série de buracos atribuídos a animais que aí se terão introduzido. A camada 5, de cor semelhante, não contém qualquer material arqueológico, apenas algumas pedras, terminando no fundo de terra batida. O interior da sepultura tem uma profundidade de 43 cm.

A área escavada correspondente aos quadrados F"36 (cota inicial: 17,95 m) e G"37 (cota inicial: 17,63), contíguos, será abordada em conjunto. No interior da camada 2, ocupando os dois quadrados, foi posto a descoberto outro troço de muro, Estrutura 9, aflorando em cada um dos quadrados, respectivamente, às cotas de 17,51 m e 17,41 m, com uma orientação SW - NE. No aparelho deste muro dominam os blocos basálticos de grandes dimensões - o que introduz uma diferença relativamente aos outros troços já mencionados - mantendo-se a ausência aparente de qualquer tipo de argamassa aglomerante. A altura conservada do muro não ultrapassa os 30 cm e a sua base assenta na camada 3. As camadas 2 e 3 forneceram bastante espólio embora, na quase totalidade, concentrado no G"37. De destacar o aparecimento de um fragmento de cerâmica com decoração campaniforme e de 2 sílices na camada 3 do F"36. Neste quadrado deixou de aparecer material arqueológico ainda durante a escavação da camada 3, enquanto no G"37 já na camada 2 o material estivesse praticamente ausente. O topo do chão de base, amarelado e barrento, surgiu a uma cota de 16,80 m no primeiro quadrado. No G"37 não aprofundámos até ao chão de base.

Alguns metros afastado para sudoeste, abrimos o quadrado B"34 à cota de 19,32 m. A escavação da camada 2 revelou, aflorando aos 18,98 m, outro troço de muro, de aparelho à base de blocos basálticos e alguns fragmentos de ímbrice. Esta estrutura, Estrutura 10, corresponde a uma interrupção ou extremidade, bem definida, de um troço de muro. A escavação deste quadrado foi interrompida a uma profundidade de c. 50 cm. O espólio, relativamente abundante e diverso, recolhido até essa altura, aparece disperso e misturado com os blocos de basalto. Também neste muro, aquele que supomos ser o seu lado interno se encontra forrado com fragmentos de ímbrice.

Aos 18,36 m abriu-se o quadrado C"39. À semelhança do quadrado anterior, também neste nos vimos forçados a interromper os trabalhos a uma profundidade de c. 37 cm. Na camada 2, aflorando a 18,10 m, surge a Estrutura 11, correspondente a mais um troço de muro. Este, de construção idêntica aos

outros já referidos, apresenta blocos de basalto, fragmentos de ímbrice e de tijolo aglomerados com terra. Também neste quadrado o espólio recolhido foi diverso.

No ponto mais baixo da encosta, a nascente das restantes sondagens, a uma cota de 10,18 m, abriram-se os quadrados B^{'''}49/50 com uma área de 2 x 4 m. Sem atingir o chão de base, a profundidade máxima escavada ocorreu no quadrado B^{'''}50 onde se aprofundou 1,36 m. Curiosamente, a zona de corte descoberta revelou uma única camada, monótona, escura, solta e fácil de escavar, onde se mantiveram as mesmas características do topo ao ponto em que parámos, verificando-se que os materiais recentes se mantinham misturados com materiais arqueológicos diversos. Tal facto leva-nos a supor estarmos perante um nível de terras acumuladas, por efeito natural, na base da encosta, onde se juntaram materiais diversos, e que tem vindo a ser revolvida e acrescida por acção dos sucessivos trabalhos agrícolas.

Sector III

Foram marcadas no terreno 2 sondagens na zona contígua à vinha da Quinta da Areeira, no único ponto disponível para intervir. A intervenção em profundidade só ocorreu na campanha de 1996.

Iniciados os trabalhos no quadrado N[']45', no ponto de cota 35,21 m, em breve nos apercebemos ser impossível progredir na escavação. Os resultados obtidos foram nulos. Sem recurso a meios mecânicos, os quais não nos foram disponibilizados nesta campanha, não foi possível aprofundar para além da camada 1 devido à dureza e compacidade do solo.

Ficaram gorados os nossos objectivos de sondar esta área. No interior da propriedade, esta é a que se encontra espacialmente mais aproximada daquela outra, onde são atribuídos os antigos achados fortuitos, que procuramos contextualizar.

4.2. Materiais¹¹

Na campanha de 1995, o total de peças recolhidas atingiu as 5040 unidades nos dois sectores, I e II.

Na campanha de 1996, recolheu-se um total de 1666 peças no Sector II. No conjunto do material recolhido nas duas campanhas predominam os fragmentos de cerâmica comum, o material de construção (fragmentos de ímbrices, régulas, tijolos e tijoleiras) e os fragmentos de *dolium*. A cerâmica tipo *Sigillata* e o material anfórico estão medianamente presentes. Registam-se achados metálicos em ferro (pregos) e em bronze (moedas, argolas com espigão e outros objectos de tipologia não determinada). O achado de fragmentos de vidro é pontual. Ocorreram achados de osso nos dois sectores.

¹¹ O estudo do espólio permanece muito atrasado o que nos dificulta a apresentação de dados relativos aos diversos tipos e formas encontrados. Apenas a cerâmica *Terra Sigillata* e o material anfórico foram objecto de um estudo do conjunto recolhido nos anos 1995 e 1996. No primeiro caso tem sido dada continuidade ao estudo das *Sigillatas* recolhidas posteriormente.

O espólio recolhido no interior da Estrutura 2 incluía materiais de adorno – 250 contas de colar (em verde, preto, amarelo, vermelho, azul) da dimensão de pequenas missangas e uma pedra de anel, lisa, em pasta vítrea, e contas vermelhas em âmbar (?) em estado muito fragmentário –, pequenos pregos em ferro, alguns fragmentos de cerâmica comum e vestígios de osso.

Na escavação do interior da Estrutura 8 recolheram-se 9 pregos em ferro, 6 recipientes em cerâmica, uma concentração informe de ferro e alguns carvões localizados sob um dos pregos. Sob um dos tijolos da estrutura, encontrado tombado para o seu interior, recolheram-se vários fragmentos de um recipiente em vidro e uma moeda ilegível em bronze. O recipiente foi entretanto restaurado, revelando-se um copo em vidro esverdeado, transparente e sem decoração, que abaixo classificamos.

Sobre as terras de enchimento da Estrutura 6 encontraram-se depósitos, imbrincados entre si, 3 recipientes em cerâmica comum – uma tigela, um prato e um púcaro. No interior da tigela encontravam-se dois pequenos pregos em ferro, muito presos ao fundo.

Apesar da diferença cronológica e de estarem totalmente descontextualizados nos pontos onde foram encontrados, devemos referir o achado dos fragmentos de cerâmica campaniforme recolhidos no quadrado A³⁷, c. 2, de um fragmento, liso, em cerâmica pré-histórica na envolvente da Estrutura 2, camada 2, e dos diversos sílices na quase totalidade correspondentes a artefactos talhados.

Dos materiais encontrados passíveis de constituírem indicadores cronológicos que nos facilitem datações para a ocupação deste sítio arqueológico e para a construção das suas estruturas, podemos, para já, adiantar os seguintes¹²:

- a) S. I, I2, c.1a, fragmento de bordo em cerâmica comum imitando uma taça Hayes 3E, de produção focense. Cronologia de produção e exportação dos séculos IV-VI d.C.
- b) S. I, I2, c.1a, fragmento de bojo em *Terra Sigillata* Clara A, da forma Hayes 14 (?). Cronologia de produção de finais do séc. I a finais do séc. III.
- c) S. I, G2, c.1d, fragmento de bordo em *Terra Sigillata* Hispânica, da forma Drag. 29 (?). Cronologia de produção dos séculos I – II d.C., das *T. S.* Hispânicas; fragmento de bordo em *Terra Sigillata* Clara D, da forma Hayes 51. Cronologia de produção dos séculos III-VI d.C.; fragmento de bordo e bojo em *Terra Sigillata* Clara A, da forma Hayes 14/16 (Fig. 5). Cronologia de sobrevivência da forma 2.^a metade do séc. II – 1.^a metade do séc. III d.C.
- d) S. I, G2, c. 2, fragmento de bordo de prato com carena interior em *Terra Sigillata* Clara A, da forma Hayes 27. Cronologia de sobrevivência da forma de meados do séc. II – meados do séc. III; fragmento de bordo em

¹² A cerâmica *Terra Sigillata* tem vindo a ser estudada pela Dr.^a Ana Raquel Silva. Ver (Silva, 1998, p. 49-55). O material anfórico recolhido nestes dois anos foi estudado pela Dr.^a Manuela de Deus. Ver (Deus, 1998, 57-64). Os resultados de numismática apresentados resultam do estudo do Dr. José Ruivo. Ver (Ruivo, 1998, p. 65-73). Os elementos arquitectónicos foram classificados pela Dr.^a Lídia Fernandes. Ver (Fernandes, 1998, p. 93-106).

Terra Sigillata Clara A, da forma Hayes 14/16. Cronologia de sobrevivência da forma da 2.^a metade do séc. II – 1.^a metade do séc. III d.C.

- a) S.II, I^o34, c. 1, localizado no exterior, e próximo, das Estruturas 1 e 2. Trata-se de um fragmento de bordo em aba, com decoração a barbutínia, em *Terra Sigillata* Hispânica, da forma Drag. 35 (Fig. 5). A cronologia de produção estende-se pelos sécs. I e II d.C., a forma é típica da 2.^a metade do séc. I.
- e) S. II, J^o34, c. 2, fragmento de bordo com caneluras, em *Terra Sigillata* Sud-Gálica, da forma Knorr 78. Cronologia de produção da 1.^a metade do séc. I - 2.^a metade do séc. III d.C.
- f) S. II, V33, c. 2, fragmento de bordo em aba, com decoração a barbutínia, em *Terra Sigillata* Sud-Gálica, da forma Drag. 35. Cronologia de sobrevivência da forma de 60 – 150 d.C; fragmento de bordo, de prato, com decoração a guilhoché, em *Terra Sigillata* Sud-Gálica, da forma Drag. 18/31. Cronologia de produção da 1.^a metade do séc. I – 2.^a metade do séc. III d.C. Cronologia de sobrevivência da forma de finais do séc. I a inícios do séc. II.
- g) S. II, F^o36, c. 2, fragmento de bordo, com decoração plástica em cordão, em *Terra Sigillata* Hispânica, da forma Drag. 24/25. Cronologia de sobrevivência da forma dos séculos I – II d.C.
- h) S. II, J^o34, c. 2, no exterior das Estruturas 1 e 2. Aro em bronze, de fibula anular, sem fusilhão, do tipo B1 Fowler, com uma cronologia entre o séc. I d.C. e a primeira metade do séc. III d.C (Fig. 8).
- i) S.II, J^o32, interior da sepultura de incineração. Moeda, em bronze, AE, indeterminado. Muito provavelmente do último quartel do séc. IV d.C; um prato em *Terra Sigillata* Clara C da forma 50 B de Hayes. Esta forma foi produzida e difundida pelo Império entre o segundo quartel do séc. III d.C. e finais do séc. IV d.C.; lucerna, do tipo Dressel-Lamboglia 27, do séc. II d.C.; um copo em vidro, de forma aproximada à 108 de Isings, com uma cronologia dos séculos III / IV d.C.
- j) S. I, G2, c. , fundo de ânfora lusitana, do tipo Dressel 14 (= Classe 20 / 21 = Beltran IV b). Apresenta grafito em X desenhado na pasta seca (Fig. 4). Cronologia de produção situada nos séculos I e II d.C., podendo prolongar-se até ao século III. Avançando a hipótese de os achados ocasionais ocorridos em meados do séc. XX na Quinta da Areeira (Almoínhas, Loures), indicarem aí a localização da *pars urbana* da *villa*, passamos à sua apresentação. É interessante verificar a cronologia atribuída aos diferentes achados.
- k) Fundo de ânfora lusitana do tipo Almagro 51c (= Classe 23 = Key XXIII). Cronologia de produção entre o séc. III e o séc. V d.C (Fig. 3).
- l) Tesouro de moedas, em bronze, AE2 dos tipos *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum*, produzidos no último quartel do séc. IV.
- m) Capitel dórico de coluna. Época de realização proposta entre o séc. I e o séc. II d.C.. A autora desta proposta sublinhou a dificuldade de atribuição de uma cronologia a esta peça.
- n) Base de coluna de tipologia incerta, sendo provável tratar-se de uma “base atticurga” de Vitruvius. Época de realização proposta entre o séc. I e o séc. II d.C.. A autora desta proposta sublinhou a dificuldade de atribuição de uma cronologia a esta peça.

5. Conclusões

Os trabalhos arqueológicos realizados entre 1995 e 1996, na sítio romano das Almoínhas, vieram reforçar a ideia de estarmos perante uma *villa* da qual ficamos a conhecer diversas estruturas e espólio.

Foram descobertos diversos troços de muros – Estruturas 4, 7, 9, 10 e 11 – em pedra basáltica, sem argamassa, conservados ao nível das fundações, orientados segundo os eixos NE/SW e NW/SE. Verificamos que se formam alinhamentos paralelos e ortogonais mas desconhecemos, para já, a conexão entre eles. Portanto, também estamos longe de perceber a função dos espaços por eles circunscritos.

As Estruturas 1, 2, 3 e 8 correspondem, seguramente, a sepulturas o que permite identificar uma área de necrópole. Distinguem-se dois tipos de enterramento – inumação e incineração. Deixámos já expresso que a Estrutura 8 se encontrava parcialmente sob a Estrutura 3 o que, para já, atesta que uma é posterior à outra embora seja difícil determinar o hiato de tempo que decorre entre as duas. O espólio das sepulturas de inumação praticamente não inclui indicadores cronológicos contrariamente ao conteúdo da sepultura de incineração. Obviamente, a recolha de ossos permitirá o recurso a análises de C14 e a obtenção, eventual, de uma datação para os enterramentos vestigialmente detectados no interior das Estruturas 2 e 3. Não demos, por enquanto, início a este processo.

Conforme deixámos expresso no texto, apenas uma sepultura, a que corresponde à Estrutura 3, revelou vestígios de uma cobertura em laje calcária. Contudo, fora do contexto da escavação, e no ano seguinte a estes trabalhos, encontrámos à superfície, no Sector II, duas lajes em calcário, com algum comprimento. Tinham sido trazidas à superfície pelas máquinas agrícolas que tinham procedido à lavra do terreno. Uma vez que não podemos relacioná-las com o substrato geológico no local, não será exagero identificá-las como tampas de sepultura arrastadas da sua posição original.

Muito embora não tenha sido completamente escavada, o tipo e o conteúdo da Estrutura 5 levam-nos a identificá-la como uma estrutura de enterramento em fossa. A sua localização, próxima da área das sepulturas estruturadas é, contudo, espacialmente distinta pela presença, interposta, do muro correspondente à estrutura 4. Impõe-se, claramente, a necessidade de alargar a área escavada para que os dados obtidos se tornem mais perceptíveis.

A Estrutura 6 corresponde a uma situação que consideramos muito interessante e difícil de compreender apenas dentro dos 4 m² escavados. A estrutura em negativo corresponde a uma fossa estreita e sinuosa, aberta em solo arenoso e estéril, a mais de um metro de profundidade relativamente ao topo actual do terreno. O interior encontrava-se preenchido por terras acumuladas, sem qualquer conteúdo arqueológico, sobre as quais se encontrou uma deposição de 3 recipientes cerâmicos. Avançamos a hipótese de se tratar de um depósito votivo, junto a uma linha de água, sublinhando que é fundamental escavar em área para complementar os resultados obtidos.

Temos dúvidas em identificar como estruturas as fossas que resultaram da escavação das manchas escuras encontradas na base do muro correspondente à Estrutura 7. Aparentemente parece-nos tratar-se de acumulações naturais, de ter-

ras e materiais, num solo irregular. Por esta razão não aparecem assinaladas na planta de distribuição das estruturas.

O direccionamento da Estrutura 11 demonstra o prolongamento das estruturas da *villa* para além do limite Norte do Sector II, área que não foi sondada nem prospectada. Para Sul deste Sector temos já a certeza que se prolongam, em novos sectores abertos entre 1997 e 2001, importantes estruturas que integram (e, em mais do que uma situação, integravam) esta *villa*.

A publicação dos resultados das campanhas realizadas entre 1997 e 2001 remete-se para data posterior.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1994) – Lisboa Romana e Visigótica. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo da exposição.
- Atlas do Ambiente. Acidez e Alcalinidade dos Solos*, 1/1 000 000 (1984). Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente.
- Atlas do Ambiente. Intensidade Sísmica*, 1/1 000 000, (1985). Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente.
- AZEVEDO, P. A. (1987) – Achados de moedas romanas e portuguesas no Tojal e Bucelas no séc. XVIII. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. III, p. 249-252.
- Carta de Capacidade de Uso do Solo*, 1/1 000000 (1982). Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente.
- Carta Geológica dos Arredores de Lisboa 1/50 000. Folha 2.* (1964). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Carta Geológica de Portugal*, 1/1 000000 (1968). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- Carta Geológica de Portugal*, 1/1 000000 (1987). Lisboa: Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.
- Carta Hidrogeológica de Portugal*, 1/1 000000 (1970). Lisboa: Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos.
- Carta Hipsométrica de Portugal*, 1/600000, (1982) Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral.
- Carta Litológica*, 1/1 000000 (1982). Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente.
- Carta Tectónica de Portugal*, 1/1 000000 (1972). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- HIPÓLITO, M. de Castro (1960-61) – Quinta da Bandeira, Tojal, conc. de Loures. *Conímbriga*. Coimbra. II-III, p. 82.
- DAVEAU, S. (1994) – A foz do Tejo, palco da história de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Catálogo da exposição.
- DEUS, M. M. (1998) – As ânforas da Estação Romana das Almoínhas. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- DIAS, M. M. Alves (1985) – Miscellanea Nummismatica – Sestércio de Gordiano III achado na várzea de Loures. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 247-250.
- O Arqueólogo Português, Série IV, 19, 2001, p. 65-94*

- FERNANDES, Lídia (1998) – Elementos arquitectónicos de Época Romana do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- FERNANDES, Luís (1998) – Incrições romanas do Termo de Loures. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- FERREIRA, D. B. (1981) - *Carte Geomorphologique du Portugal, 1/500 000*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos (Memórias; n.º 6).
- FERREIRA, O. da Veiga (1973-74) – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos – 2.ª parte. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. 79-80, p. 131-150.
- MANTAS, V. G. (1998) – Vias Romanas do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- OLIVEIRA, A. C. (1998) – A villa romana das Almoínbas (Loures) no contexto da presença romana no Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- OLIVEIRA, A. C. (2000) – Villa das Almoínbas (Loures, Portugal). Destaque para um conjunto de estruturas desta estação. In *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica*. Porto: ADECAP. (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular; VI.)
- OLIVEIRA, A. C., DEUS, M. M. e SILVA, A. R. (1996) – Testemunhos arqueológicos de actividades agrícolas no concelho de Loures. In *Actas das II Jornadas Sobre Cultura Saloia*. Póvoa de Santo Adrião: Câmara Municipal.
- OLIVEIRA, A. C., DEUS, M. M. e SILVA, A. R. (1997) – Estação Romana das Almoínbas: um caso de intervenção arqueológica na malha urbana de Loures. In 3.º Encontro de Arqueologia Urbana. Almada: Câmara Municipal. (no prelo).
- PEREIRA, F. Alves (1903) - Estatueta ithyphalica. *O Archeologo Português*. Lisboa. VIII, p. 300-305.
- PEREIRA, F. Alves (1917) - Ara romana da Ponte da Póvoa. *O Archeologo Português*. Lisboa. XXII, p. 97-105.
- RIBEIRO, J. Cardim (1994) – *Felicitas Iulia Olisipo*: algumas considerações em torno do catálogo *Lisboa Subterrânea. Al-Madan*. Almada. 3, p. 75-95.
- RUIVO, J. (1998) – Subsídios para o estudo da numismática romana do Concelho de Loures. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- SAA, M. (1959) – *As grandes vias da Lusitânia – o itinerário de Antonino Pio*. Lisboa: [s.n.]. T. II.
- SILVA, A. R. (1998) – A Terra Sigillata. In *Da Vida e da Morte – os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. Catálogo da exposição.
- SILVA, A. R. (2000) – A estação Arqueológica de Frielas. In *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica*. Porto: ADECAP. (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular; VI.)
- VASCONCELOS, J. Leite de (1902) – Moedas Romanas de Bucelas. *O Archeologo Português*. Lisboa. VII, p. 55.
- ZBYSZEWSKI, G. (1964) – *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa – Notícia explicativa da folha 2 (Loures)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

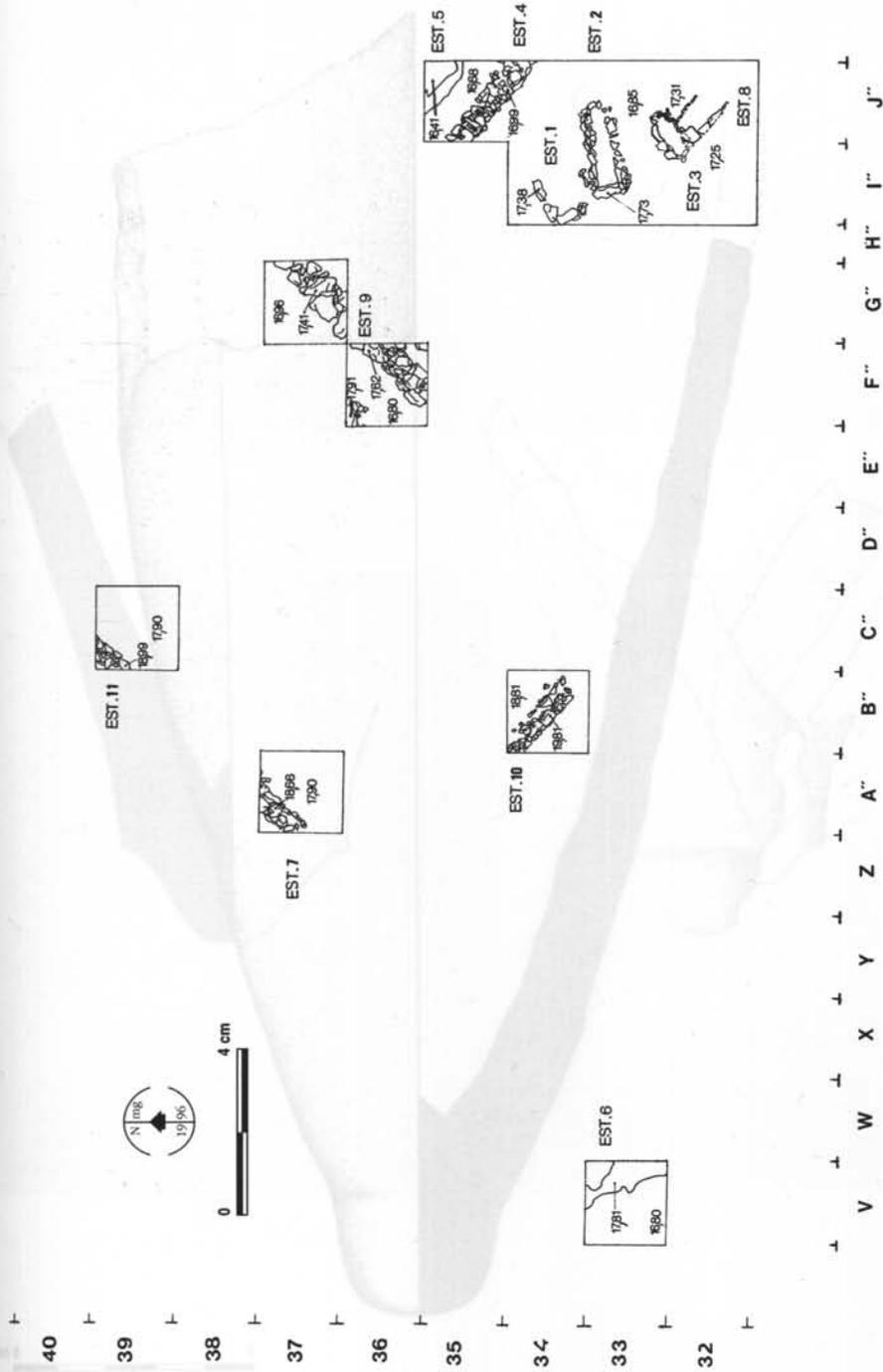


Fig. 2 – Planta parcial do Sector II com implantação das estruturas.

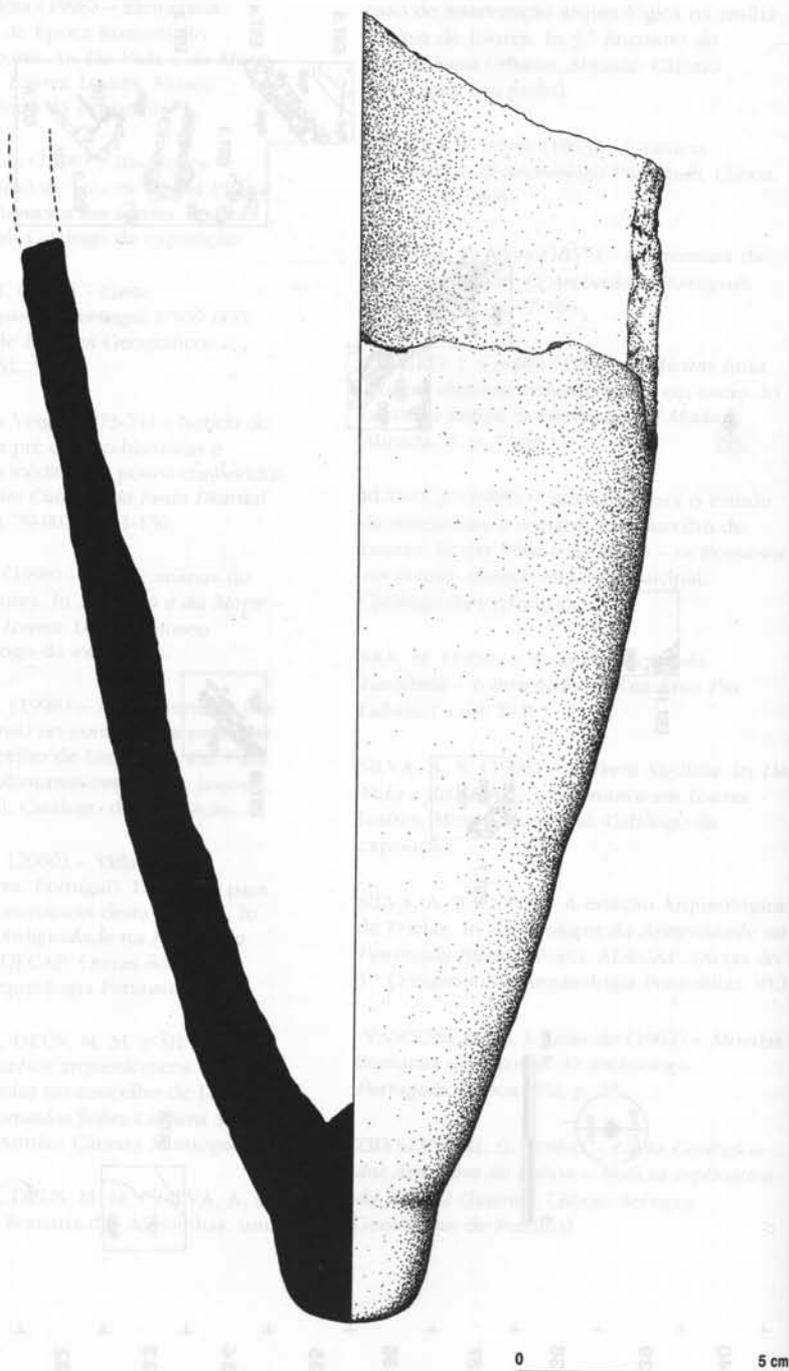


Fig. 3 – Ânfora lusitana do tipo Almagro 51 C.

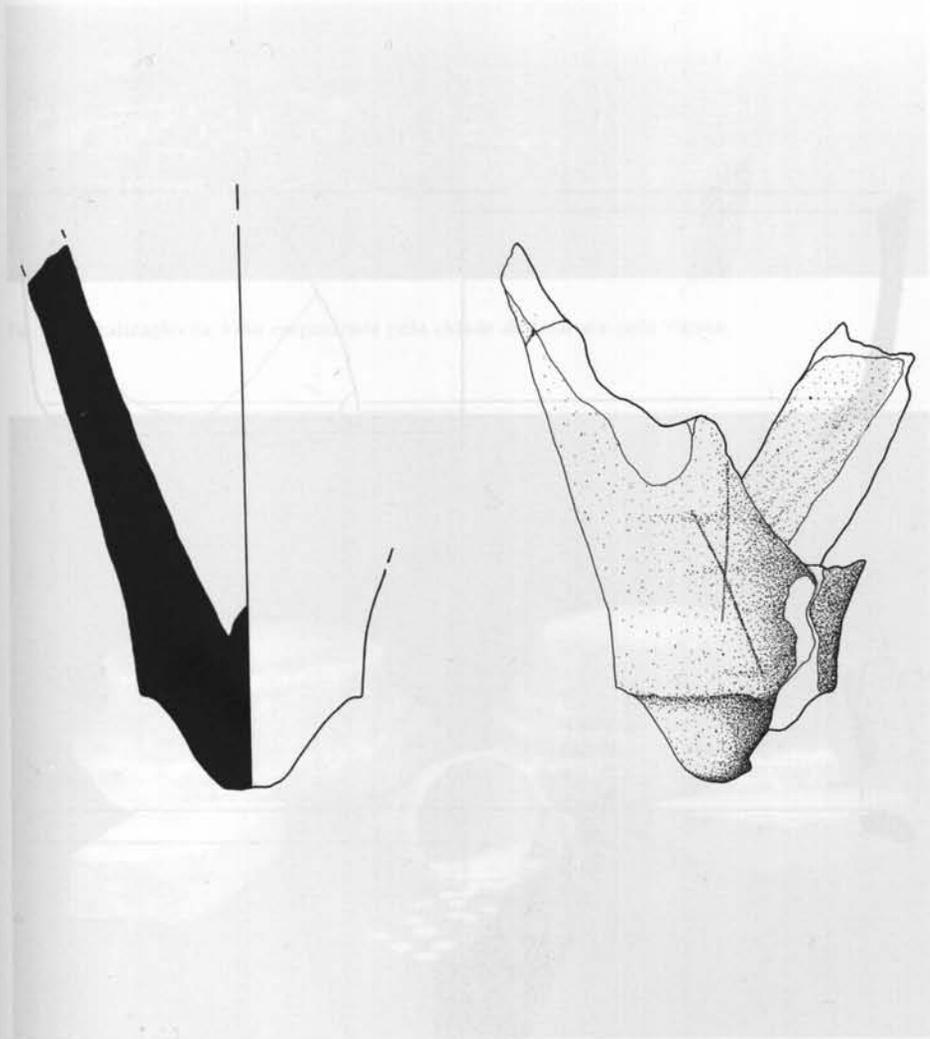


Fig. 4 – Fragmento de ânfora do tipo Dressel 14.

Fig. 4 – Fragmento de ânfora do tipo Dressel 14.

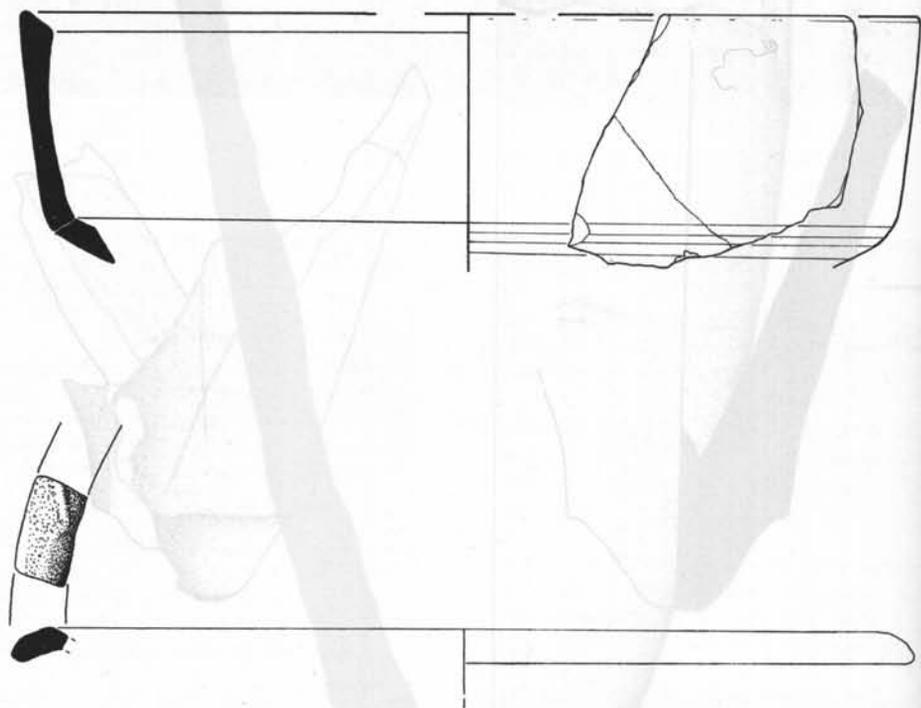


Fig. 5 – Taças em *Terra Sigillata* Clara A, da forma Hayes 14/16 e Sud-Gálica, da forma Drag. 35.



Fig. 6 – Localização da *Villa* enquadrada pela cidade de Loures e pela Várzea.



Fig. 7 – Conjunto de achados da Quinta da Areeira (Almoínhas).



0 2 cm

Fig. 8 – Fíbula em Bronze do tipo Fowler B1.

